

**COMUNICAÇÃO E
DISPUTAS DE NARRATIVAS
NOS SEMIÁRIDOS DA
AMÉRICA LATINA**

PLATAFORMA

Semiáridos

AMÉRICA LATINA





**COMUNICAÇÃO E
DISPUTAS DE NARRATIVAS
NOS SEMIÁRIDOS DA
AMÉRICA LATINA** ≡

EXPEDIENTE

EQUIPE PLATAFORMA SEMIÁRIDOS

MESA DE GOVERNANÇA

Carlos Magno Morais
Gabriel Seghezzo
Neila Santos
Neyver Espíndola
Daniela Savid
Ismael Merlo
Manuel Gómez

COMUNICAÇÃO

Amanda Sampaio
Darliton Silva
Miguel Cela

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Centro de Desenvolvimento
Agroecológico Sabiá

Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora (CETRA)

TEXTOS

Catarina de Angola
Diana Segado
Dríade Aguiar
Fernanda Cruz

SISTEMATIZAÇÃO DOS TEXTOS

Mariana Reis

SISTEMATIZAÇÃO GRÁFICA

Muriel Duarte

DIAGRAMAÇÃO

Carol Barreto

ILUSTRAÇÕES

Muriel Duarte

ARTE DA CAPA

Carol Barreto

Este material pode ser reproduzido total ou parcialmente, desde que citadas as fontes. (atribuição não-comercial sem derivações)

SUMÁRIO

Apresentação – p. 05

Ampliar olhares sobre a “história única” do Semiárido – Fernanda Cruz p. 06

Planejar comunicação é desenhar nossos sonhos – Catarina de Angola p. 10

Diversificar vozes e tecer redes – Diana Segado p. 15

Por quais histórias queremos ser lembradas/os/es? – Dríade Aguiar p. 19

APRESENTAÇÃO

Comunicação e Disputas Narrativas nos Semiáridos da América Latina é o conjunto de textos fruto de debate produzido por seminário homônimo realizado, em formato virtual, pela Plataforma Semiáridos, em setembro de 2021. O objetivo do encontro foi o de proporcionar novos olhares sobre as histórias que são contadas sobre essas regiões, a partir da apresentação de quatro painéis com representantes de organizações, agências e grupos de mídia independente que atuam diretamente com práticas de convivência com o Semiárido em seus locais de origem.

Participaram do seminário técnicas/os/es, comunicadoras/es, educadoras/es, gestoras/es, estudantes e outras/os/es sujeitas/os/es que trabalham, comunicam e vivem esses territórios no seu dia-a-dia, desde Argentina até Brasil. Ou seja, pessoas comuns que – por isso mesmo – são capazes de transformar suas realidades, cenário de disputas políticas, técnicas, acadêmicas e, também, de narrativas. Afinal, como aponta Driade Aguiar, disputamos narrativas todas as vezes em que, nas mínimas situações do cotidiano, apresentamos outro ponto de vista e argumentamos a partir de novas perspectivas. É preciso ser fio condutor das histórias desses povos, escapando da ideia da “história única”, como sinaliza Fernanda Cruz. Urge tecer redes, como afirma Diana Segado. E é a partir dessas experiências, como nos lembra Catarina de Angola, que organizações, movimentos e pessoas possibilitam a produção de conhecimento.

A Plataforma Semiáridos é uma iniciativa composta por 13 instituições representativas de oito países da América Latina, que almeja sistematizar as experiências vinculadas à utilização e gestão dos territórios nessas regiões para fortalecer a sociedade civil, gerar propostas e incidir nas políticas públicas, atendendo os problemas das organizações indígenas e camponesas, em relação ao acesso, uso e gestão da terra, território e recursos naturais.

Podemos definir como semiárida uma região na qual as chuvas não conseguem cobrir as necessidades do crescimento da vegetação durante todo o ano. São regiões como o Agreste e o Sertão do Nordeste e o norte do Estado de Minas Gerais, no Brasil, e a região do Chaco Semiárido, que compreende a Bolívia, a porção ocidental do Paraguai e parte da Argentina. No entanto, isso não quer dizer que esses são lugares de morte, pobreza e sofrimento – imaginário construído pela mídia hegemônica ao longo dos anos. Pelo contrário, são lugares em que é possível garantir outras formas de bem-viver. É possível ser feliz no Semiárido! E é possível, também, visibilizar essas trajetórias de vidas que pulsam, lutam e se reinventam.

Esperamos que, com esse material, seja possível provocar debates, ecoar as múltiplas vozes presentes nesses Semiáridos, construir novas narrativas e mostrar que não estamos isoladas/os/es, como bem sinalizaram em suas falas as quatro narradoras (não por acaso mulheres) cujas falas convidamos agora você, leitor/a, a partilhar conosco. E – por que não? – convidamos você a também criar suas próprias formas de produzir narrativas de resistência.

Boa Leitura!

Ampliar olhares sobre a "história única"¹ do Semiárido

Fernanda Cruz²



*Vamos prosear um pouco? se achegue para escutar
Sobre a comunicação tenho história para contar
Feita pelos movimentos de um jeito popular
Cada um conta a história de um jeito diferente
Como a comunicação muda a vida da gente
Clareando os caminhos, plantando novas sementes
No começo foi a luta, para o direito conquistar
Denunciar injustiças, de convivência falar
Terra, água para beber e produção familiar
Comunicar sempre foi uma ação de resistência
Estratégia e conquista e também de convivência
Pelas organizações, feita com efervescência
É preciso comunicar, digo com toda razão
Por ser um direito humano, um direito à informação
E agora é só gritar: viva à comunicação!*

(Fran Paulo, Rede de Comunicadoras/es Populares da ASA Brasil)

Entendo que a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) não é uma organização simplesmente; ela é uma rede, um coletivo. Hoje, eu estou na coordenação da assessoria de comunicação da ASA, mas essa comunicação não é uma comunicação centralizada. Ela é uma comunicação feita por várias pessoas que estão nos estados. Quando a gente pensa hoje no Semiárido, pouco tem se falado de fome e muita gente trouxe a fartura também. Eu trouxe algumas imagens que hoje permeiam a nossa mente quando a gente fala e pensa sobre Semiárido. Mas isso foi fruto de uma construção. A gente sabe que até bem pouco tempo, só se contava uma "história única" do Semiárido. Inclusive, muitas pessoas ainda só conhecem essa "história única". E a gente, enquanto ASA, entendia que a gente não iria conseguir falar de convivência com o Semiárido, se a gente não conseguisse mudar essa perspectiva e essa narrativa e trouxesse outros olhares e outras compreensões sobre esse lugar.

¹ O termo faz referência à palestra *Os Perigos da História Única*, apresentada em evento TED pela escritora e pesquisadora nigeriana Chimamanda Adichie, em 2011. A palestra, na íntegra, pode ser acessada no endereço: <https://bit.ly/3oEK1Ky>

² Fernanda Cruz é pernambucana (Região Nordeste do Brasil), jornalista formada pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e atua há 18 anos na Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) com comunicação para mobilização social, comunicação comunitária, comunicação em rede, com foco no meio rural. É mãe de duas crianças e tem se aventurado, mais recentemente, a trilhar caminhos cruzados entre comunicação e mobilização de recursos, direitos da infância e das juventudes.

Com isso, eu não quero dizer que aquelas imagens de terra seca, rachada, elas não existem, que elas passaram. De forma alguma. Para o mesmo tanto de imagem bonita temos, a gente tem essas imagens também. Essas histórias infelizmente ainda existem. É sempre importante a gente olhar na nossa história, de onde a gente vem. E a ASA vem deste tipo de construção de narrativa do Semiárido. No começo da comunicação da ASA, o nosso foco era essa desconstrução. Mostrar que essa não era a única história do Semiárido. E para hoje a gente ter tantas histórias bonitas contadas, foi preciso trazer à tona alguns elementos.

Porque aqui, nesse momento, se mostrava somente a imagem, mas não se falava, por exemplo, que as secas são previsíveis. Não se falava que a região tinha as suas características, e aí a gente precisa aprender a conviver e se adaptar a elas. Ninguém falava sobre o papel dos governos nesse contexto. Por exemplo, ao ver uma foto do gado morto, ninguém falava que esse tipo de animal não é o mais adequado para a região. Era simplesmente a morte e a miséria. E essa não é a única história.

**A ASA FAZ UMA
COMUNICAÇÃO
ALIADA A
EDUCAÇÃO.**

**PARA FALAR SOBRE CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO A ASA COMPREENDEU QUE
ERA PRECISO MUDAR A PERSPECTIVA E A
NARRATIVA E TRAZER OUTROS OLHARES.**

“É sempre importante a gente olhar a nossa história, conhecer de onde a gente vem”

A ASA se desafia a pensar um outro tipo de comunicação. Uma comunicação que esteja alinhada com a sua prática. A comunicação vem como componente desse processo de mudança no Semiárido. Trazemos essa comunicação alinhada à educação, como uma forma de mudar vidas e fazer com que o próprio povo comece a perceber que essa história não acontece bem assim.

É diferente quando a gente tem acesso a uma política e as coisas vão mudando. A gente começa a ter uma série de iniciativas que vão povoando esse Semiárido: intercâmbios,

poesias, feira, teatro, o audiovisual, o rádio expresso em diversas formas, campanhas de incidência que começam a expressar essas histórias. Porque é importante a gente dizer que a comunicação hegemônica – de certa forma – exerce uma dominação a partir da opinião pública. Ela formava a opinião pública, e as outras histórias não tinham espaço para serem contadas. A gente começa a perceber que precisava não só de disputa de narrativa, mas também de disputa de espaço para que a gente pudesse contar essas histórias. E é assim que a gente vai mudando essas imagens.

Só que isso não acontece através do trabalho de uma, duas, três pessoas. Acho que é quando a ASA realmente começa a colocar em prática a sua perspectiva de rede na comunicação. Porque a ASA já era uma rede de organizações. Aí começamos a trabalhar com a ideia da rede de comunicadores e comunicadoras populares.

Chegamos a ter 130 pessoas liberadas para fazer essa comunicação em todos os estados. E esse processo não passou só por uma produção de conteúdo, mas também um processo de formação, entendendo que estávamos todos aprendendo a caminhar nessa trajetória de fazer os nossos próprios conteúdos, buscar espaços. É importante trazer que a comunicação que existe no começo de trabalho, essa rede, começa por volta de 2007 e se consolida por volta de 2013. Então, vamos, nessa trajetória, aprendendo a trabalhar também e fazer esses conteúdos chegarem a cada vez mais pessoas. Começamos a perceber a importância de campanhas de afirmação do Semiárido enquanto lugar de vida. O maior desafio da construção dessa rede de comunicação popular é: onde é que nós, enquanto comunicadores e comunicadoras deixamos de ser os protagonistas – digamos assim, os contadores da história – para sermos, na verdade, só um fio condutor das histórias dessas/es agricultoras/es?

A ASA não é pioneira nesse formato de sistematização como o boletim Candeeiro, experiência exitosa que hoje já chega a 2.500 histórias editadas. Outras organizações já faziam isso, mas o que eu acho que a ASA traz é multiplicar essa metodologia. Então, a gente fez muitas oficinas de sistematização também, em que participavam tanto comunicadoras/es, quanto técnicas/os, como agricultoras/es. Você começa a ampliar esse olhar para a comunicação, para outros sujeitos que antes não refletiam sobre a comunicação. Isso contribui para essa mudança de paradigma do Semiárido. A gente percebeu o quanto esse instrumento, o Candeeiro, fortaleceu a autoestima dessas famílias, dessas comunidades, desses grupos.

“O maior desafio é: onde é que nós, enquanto comunicadores e comunicadoras, deixamos de ser os contadores da história para sermos só um fio condutor das histórias dos povos dos Semiáridos?”

E essa rede começa a se ampliar também para fora da ASA. Em princípio, a gente trabalhava apenas junto com os comunicadores que estavam nas organizações que fazem essa rede. A

gente começa a perceber que essa construção não é só nossa, outros grupos estão fazendo e debatendo estes temas. Eu acho que isso se amplia muito agora na pandemia, com a situação do isolamento. Inclusive para somar esforços no próprio contexto político em que a gente vive, extremamente difícil. Eu acho que a gente nunca precisou tanto de refletir sobre disputar narrativas. Eu acho que a gente está em um momento de bastante sabedoria – que bom! – e de apropriação da comunicação. Essa rede vai se ampliando e a gente vai vendo que a gente precisa dialogar de fato com outros sujeitos.

Do mesmo jeito que a comunicação se moderniza, essas narrativas também se modernizam. Neste momento, em que a gente vivencia uma caminhada para o conservadorismo. Nesse momento é quando percebemos que os Semiáridos precisam estar unidos. Eu trouxe essa ideia de ponte. Caminhamos e percebemos que os Semiáridos precisam se juntar não só para ações práticas, não somente na ação política, mas também nessa construção de que narrativa estamos falando. Porque o mesmo contexto difícil que a gente vive aqui no Brasil, vivemos na América Latina. Quando eu falo de isolamento, não é que aqui estejamos sozinhas/os/es. Estamos mais vivos/as/es do que nunca. Continuamos, mesmo com as nossas fragilidades. Mantemos essa rede viva.

Hoje, temos uma comunicação muito voltada para a internet, onde essa disputa de narrativa está sendo feita, mas nem todo mundo tem a mesma visibilidade. Quando a gente olha, por exemplo, para a população com a qual trabalhamos, percebemos que as relações são muito desiguais. Porque a gente está falando de um povo que é muito excluído do mundo digital, que não tem acesso a internet de qualidade.

A sustentabilidade das ações que a gente faz tem sido um desafio nesse momento, sobretudo para a comunicação. Como é que a gente faz uma comunicação estratégica em tempos de saturação de informação e de polarização ideológica? Como é que a gente faz com que os nossos conteúdos continuem sendo interessantes, atrativos mesmo diante dessa realidade? E como produzir também conteúdos nessa perspectiva global, sem perder de vista a nossa intencionalidade com a convivência com o Semiárido? Precisamos sair *sair das caixinhas*. Entendo, inclusive, que cada vez mais a gente deve reforçar não só essa inter-relação entre Semiáridos da América Latina e Semiáridos do mundo; mas também uma relação entre o urbano e o rural.

Planejar comunicação é desenhar nossos sonhos

Catarina de Angola³



“A comunicação é um território em disputa. Precisamos protagonizar a nossa comunicação.”

A Angola Comunicação se propõe a ser uma agência que tem o processo de mobilização social como o motor da nossa ação em comunicação. Essa minha ação na Angola Comunicação vem, na verdade, de toda essa trajetória de organizações que fazem parte e integram tanto a Plataforma Semiáridos, quanto a Articulação Semiárido Brasileiro. Quero dizer que, como comunicadora popular – que esteve nesses espaços – por vezes, eu talvez fale direto com quem já foi ou é comunicador/a popular nesse espaço. A gente se sente muito só. Porque a gente percebe o potencial da ação que a gente tem, enquanto organização, mas muitas vezes somos uma só pessoa para dar conta de todo um universo que a gente percebe que é potente e importante. Ainda mais quando a gente fala de Semiárido.

O Semiárido para mim é fartura. E não só no sentido da produção de alimentos. É muito mais que só produção de alimentos, ele é espaço de conhecimento. Ele é espaço de ciência. Eu não conheço os Semiáridos da América Latina. Mas sei que deve ser da mesma riqueza que a gente tem aqui no Semiárido brasileiro. Nós da Angola Comunicação, inclusive, contribuímos com a comunicação da Plataformas Semiáridos, com organizações e movimentos populares no Brasil e na América Latina – a partir da própria Plataforma Semiáridos.

³ Catarina de Angola é pernambucana (Região Nordeste do Brasil), mulher negra, mãe e jornalista, mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Com mais de 15 anos de experiência em comunicação para organizações sociais, fundou, em 2019, a Angola Comunicação, agência de processos criativos de comunicação para mobilização social.

Quando eu estava dentro das organizações, por vezes, quando conseguíamos acessar trabalhos de outros espaços – como empresas e outras agências – eu percebia que faltava um pouco de empatia e, às vezes, até sensibilidade desses espaços com o campo em que se atua, com as organizações sociais, com os movimentos populares. Parecia que existia, por vezes, uma barreira na linguagem, no modo como se fala, nos olhares. Principalmente quando se trabalha o Semiárido, muitos estereótipos já vêm junto. Ficava o desafio de, enquanto comunicadoras/es, trazer novos olhares, provocar outros pensamentos, provocar também mudança na ação política para esse espaço. Atuávamos muito com a ideia desse grande território em disputa que é o Semiárido. A disputa com o agronegócio, a disputa da concepção de que a seca é redutora desse espaço. Mas a comunicação também é um grande território de disputa. Hoje, especialmente, temos um mundo muito polarizado no campo da comunicação, tanto no Brasil quanto na América Latina.

Governo reduz o semiárido à seca e é desinformado sobre nossa capacidade de construir nossas próprias soluções.

Esse é um território em disputa muito desigual. Não disputamos com grandes empresas de comunicação, conglomerados de comunicação. Falo desse grande conglomerado de comunicação que extrapola a barreira da radiodifusão e que, hoje, tem a internet como grande impulsionador. Enfim, suas diversas empresas, redes sociais e aplicativos disputando inclusive modelos de trabalho. Disputando não só modelos de comunicar, mas a forma como a gente se relaciona. A pandemia de Covid-19 com certeza aumentou muito isso.

Para nós, a agricultura familiar é diversidade. Ela é diversidade não só produtiva, é diversidade de pessoas, é diversidade geracional, é pluralidade, é diversidade sexual. Para mim, é muito importante que a Plataforma Semiáridos esteja promovendo essa conversa. Porque, de fato, o governo brasileiro é um exemplo de como a comunicação é a centralidade desse projeto político e de como ela está sendo disputada, e de como tem sido cada vez mais difícil para quem está no campo das organizações sociais fazer essa disputa. Porque somos um setor que foi toda a vida criminalizado e perseguido. Agora cada vez mais. Temos um presidente que faz referência aos grandes meios de comunicação – que nunca foram os nossos aliados no campo dos movimentos e organizações sociais – como algo que de fato é contra

ele. Ou seja, nem a mídia tradicional, para ele, está validada nesse projeto de disputa da comunicação, de disputa de ideias.

Precisamos cada vez mais olhar para a comunicação como prioridade, mas também perceber de que forma a gente pode construir informação, e não desinformação. *Fake news* ou notícias falsas vêm de todos os lados e elas sempre existiram. Mas estão cada vez mais em debate justamente por esse momento de polarização. E a gente precisa cada vez mais ser estratégico, assertivo e resistente. Continuar reforçando a nossa resiliência para poder disputar esse momento político em que se vive.

Reforço que, como uma agência que trabalha com diversas organizações sociais e tendo passado por vários espaços como esse, eu sei que, junto às populações com as quais atuamos, temos muita credibilidade. Podemos aproveitar toda essa credibilidade para fazer comunicação. Para fazer rodar de fato a informação. Para poder desmontar essa ideia de desinformação que tem sido crescente no País, inclusive contra o Semiárido.

“É muito importante que se esteja presente na internet, nas redes sociais. Mas precisamos tirar a nossa ação só do digital e levá-la para o nosso dia-a-dia. Não podemos ficar reféns de que os algoritmos nos guiem”.

Com a pandemia, tudo na nossa ação virou comunicação. Tivemos que ficar isolados dentro de nossas casas. Como atuar? Como fazer a nossa ação política e prática no dia-a-dia? Tivemos que encontrar novas formas de se comunicar, mesmo nos contextos de pouco acesso ou nenhum acesso à internet. Mesmo em conjuntura de maior pobreza, que foi se reforçando ao longo dos meses da pandemia. Mas será que, de fato, enquanto organizações sociais percebemos esse campo da comunicação como prioridade? Conseguimos parar e olhar para a comunicação como prioridade?

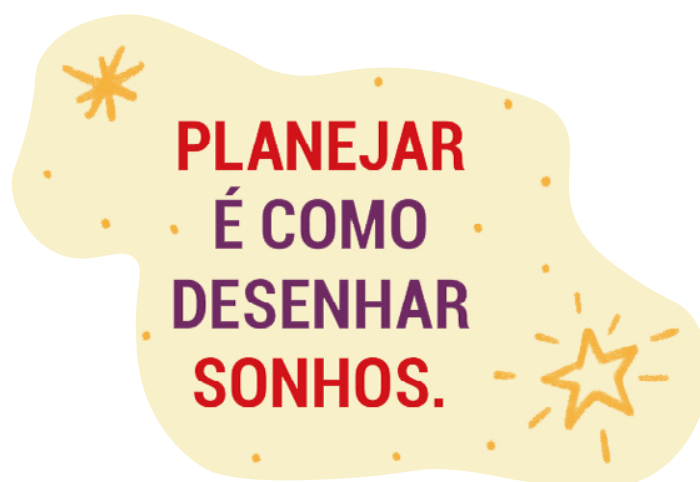
**É PRECISO
EXTRAPOLAR
O DIGITAL.**

E acho que aí é um momento em que se precisa mais uma vez parar e perceber o quão estratégico é preciso ser para promover essa disputa. Para promover outras ações com as quais a gente trabalha e realiza. Para promover todo um conhecimento que é fomentado nesta região e com o qual alimentamos nossos objetivos. Eu sei que, por vezes, a nossa ação cotidiana é tão corrida, tão urgente, que não conseguimos parar para planejar o que a

gente precisa fazer. Não se consegue parar para planejar e traçar objetivos, olhar para esse contexto e conseguir traçar objetivos a partir dele. Mas é essencial que a gente consiga fazer isso. Porque planejar é como desenhar os nossos sonhos.

Não quer dizer que se vai estar engessado, não quer dizer que o que se colocou ali naquele planejamento vai guiar nossas dúvidas. Pelo contrário. Vamos desenhar os nossos sonhos ali no papel, seja onde for. E assim vamos conseguir fazer uma comunicação muito mais assertiva e eficiente, que dê conta das nossas necessidades.

Pode parecer que essa fala de traçar objetivos, planejar, monitorar a nossa ação de comunicação não esteja alinhada com a nossa ação política nas organizações, movimentos populares, mas – na verdade – ela é essencial para que, de fato, se mantenha diálogo direto com quem se atua. Para que, inclusive, não se olhe para a comunicação no atual contexto de pandemia apenas no digital.



Fernanda Cruz mostrou como a rede de comunicadores e comunicadoras populares da ASA constrói uma série de materiais, de produtos, de estratégias de comunicação que extrapolam o digital. Olhamos para as nossas comunidades lá no físico, no território. Olhamos para o rádio. Olhamos para o papel impresso, para a contação de histórias, para nossa oralidade. É muito importante que, mesmo nesse contexto de pandemia, não se deixe perder esses outros elementos da comunicação. Porque a comunicação não é só a internet.

É muito importante que se esteja presente na internet, nas redes sociais. É lá que a disputa de comunicação, de discursos, de narrativas, está sendo feita. É lá que o conservadorismo, inclusive, está ganhando força. Mas de lá também estão sendo montadas as estratégias para o real. Precisamos tirar a nossa ação só do digital e levá-la para o nosso dia-a-dia. Não podemos ficar reféns de que os algoritmos nos guiem.

Precisamos protagonizar a nossa comunicação. E para isso, temos que protagonizar lá, olhar para o nosso território, conhecer bem onde a gente atua, para poder conseguir planejar e desenhar aqueles sonhos para aquele lugar de forma muito mais territorializada, muito mais dando conta das características daquele lugar. Eu pergunto: o que seria da sua organi-

zação ou da sua comunicação se as redes sociais acabassem hoje? Podemos muitas vezes não ter acesso à internet. Podemos brigar por esse acesso como política pública, mas podemos também na nossa comunidade e território promover iniciativas de comunicação que podem irradiar processos de mobilização social que promovam grandes transformações. Que é o que acontece com certeza nos diversos territórios Semiáridos da América Latina.

E por último, eu queria deixar registrado alguns dos aprendizados dos quais a Angola Comunicação aprende todos os dias com muitas organizações. Precisamos sistematizar os nossos processos, nossos métodos e nossas atividades. Tudo que se produz, enquanto organização social, tudo que as comunidades e populações produzem em seu território é riquíssimo. Não se pode perder os nossos processos e métodos, nem deixar isso na rede social. Porque todos os dias, quando a gente faz uma postagem por exemplo, a gente produz conhecimento. A gente para, pensa e produz. Conversa com as pessoas para produzir aquilo. Então, vamos sistematizar os nossos processos, métodos e atividades. Como, por exemplo, o que a Plataforma Semiáridos está fazendo aqui hoje, trocando experiência com pessoas de vários lugares.

“Podemos também na nossa comunidade e território promover iniciativas de comunicação que podem irradiar processos de mobilização social que promovam grandes transformações”

Vamos fomentar o processo de comunicação popular e comunitária. Vamos nos fortalecer em rede. Porque em rede, a gente é mais forte. A gente consegue, enquanto organização social, promover, fomentar, ecoar processos de comunicação popular e comunitária que estão acontecendo nesses espaços. Isso é muito importante, porque eles ecoam os outros processos sociais que acontecem ali. A luta pela terra, a luta pela água, a luta pela universidade, a luta pela educação, a luta pelo direito à ciência, a luta pelo conhecimento, pelas artes, pelo lazer. A luta política que faz a gente promover mudanças.

Também não vamos esquecer de poder discutir comunicação enquanto política. A gente precisa adentrar nos debates sobre comunicação e política pública nos municípios e estados do nosso país. A comunicação precisa ser vista como um direito humano. E só vamos conseguir isso se, de fato, fizermos a nossa comunicação no dia-a-dia e atuar na proposição de políticas públicas para o campo da comunicação. Vamos brigar para que se tenha as nossas leis de mídia. Vamos lutar para que se tenha os nossos marcos civis. Vamos discutir comunicação enquanto política, porque aí vai irradiar em outros processos, sejam de mobilização social, sejam de mobilização de recursos para a nossa atuação. Isso vai ser uma crescente sempre. E, para terminar, queria dizer que temos o dever de ser protagonistas das nossas próprias histórias.

Diversificar vozes e tecer redes

Diana Segado⁴



“Não estamos sozinhas/os/es. Estamos juntas/os/es. Somos muitas/os/es. Somos uma rede que está conectada. São anos de resistência”.

Esse é um momento muito importante para que nós possamos fazer esse intercâmbio e promover a comunicação. Eu acho que esta iniciativa é muito boa. Em um primeiro momento, eu pensava nas pesquisas, o quanto nós sabemos das disputas narrativas. Nós continuamos pensando a comunicação e ela muda a todo tempo, rápido, porque os nossos contextos também mudam. Nas nossas situações, contextos, países e regiões; sempre correndo – como pessoas que lutam sempre contra os meios. Estamos em uma postura contra-hegemônica. É bastante interessante o fato de a gente se encontrar e poder perguntar. Nós vamos somando a nossa rede.

Eu sou da La Tinta – que é um meio de comunicação em Córdoba que nasceu em 2016. Nós somos anti-hegemônicos ou contra-hegemônicos. Nós pensamos a nós mesmos como parte das disputas da narrativas. Assim que estamos trabalhando para construir um veículo que possa disputar as narrativas, mas também, nas formas de trabalho, nós somos um meio cooperativo e de autogestão horizontal. Eu acredito que isso é bastante interessante, porque nós tratamos de construir no dia-a-dia uma mídia em que se tem não só aquilo que nós queremos ler, mas um espaço de trabalho onde gostaríamos de estar. Eu acredito que isso é muito importante para disputar essas narrativas.

Nós sabemos como as terras secas foram e são estigmatizadas pelos meios dominantes, e

⁴ Diana Segado é originária de San Juan (Argentina) e vive em Córdoba há 16 anos. É licenciada em Comunicação Social com especialização em produção gráfica pela Universidade Nacional de Córdoba (UNC). É editora geral de La Tinta, mídia digital alternativa e cooperativa de Córdoba. É também membro da equipe de comunicação da Fundación Plurales, que trabalha principalmente com organizações de camponesas/es e indígenas da região do Gran Chaco americano.

muitas vezes, nós construímos uma narrativa fora da realidade desses territórios sem escutar os seus próprios habitantes, gerando alienações, estereótipos que projetam a imagem da região para quem está fora dela e também impactam na população. Populações que não conseguem ver a si mesmos na sua realidade. Eu acredito que esse texto afirma o que as companheiras falaram anteriormente. Nesse sentido, como elemento de partida, como nós podemos compartilhar isso? Como nós podemos fazer para ir contra essas narrativas? Não somente pensando no Semiárido, nas terras secas ou Semiárido, mas também em geral para fazer a comunicação. Para que nós possamos pleiteá-la de maneira adequada. Nesse sentido, trago algumas dicas, algumas ideias que eu trato de colocar na rotina do meu trabalho de comunicação como possibilidade, como pergunta, como proposta. Para que nós possamos pensar não como algo circunscrito, mas sim como um degrau para construir.

“Nós tratamos de construir no dia-a-dia uma mídia que tem não só aquilo que nós queremos ler, mas um espaço de trabalho onde gostaríamos de estar. Eu acredito que isso é muito importante para disputar essas narrativas”.

Categorizei essas estratégias como externas e internas. As estratégias internas são no sentido de orientar o pensamento do nosso trabalho para dentro do nosso meio de trabalho. Eu faço, no La Tinta, a comunicação através do jornalismo, mas de forma plural. E são dois mundos um pouco diferentes, mas de alguma maneira eles estão entrelaçados no meu trabalho. Pertencer a esses dois mundos, com as organizações e também com os meios que se retroalimentam, me permitem vários olhares diferentes. Eu acredito que essas ideias que passam, que vêm, servem para os dois espaços e alimentam o que eu chamo de comunicação. E depois, no ambiente externo, nós geramos conteúdo e publicamos nas nossas redes sociais, na web ou em outros.

É muito interessante fazer isso. Acompanhar agendas, escutar o que tem para dizer os territórios. Nós amplificamos essas vozes. Nesse sentido, não tem que forçar agendas, pensar os relatos dos seus territórios, dos seus protagonistas como vítimas. É preciso retratar esse tecido de luta e resistência que fala do território. Há muitas lutas e resistências nos território. Vale a pena ressaltar, contar para que todos saibam. E diversificar as vozes.

Me parece interessante também, no momento de contar, priorizar também a escuta das mulheres, dar espaço para essas companheiras tantas vezes silenciadas.

É importante, além das fontes, verificar quem são essas fontes. Nesse contexto de *fake news*, por exemplo, de bombardeio de notícias, de desinformações, é muito importante que nós tenhamos essa responsabilidade de poder corroborar com isso. Tem a ver com pensar em rede, criar redes, tecer redes, pensar coletivamente. Criar redes com as organiza-

ções sociais que já vêm trabalhando nos territórios. Pensando nos que estamos fazendo em Córdoba, por exemplo, em nível regional e internacional, no exercício de nos aproximar de organizações de base que estão nos nossos países, nos nossos territórios. Militando, nos organizando, resistindo, relatando. Fazendo comunicação.

É importante que nós não caiamos de paraquedas, porque já tem muita gente fazendo isso. Replicar esses trabalhos é importante. É a mesma linha de tecer redes. Essa comunicação com meios alternativos vinculados ao território, do território. Nós da La Tinta participamos muito dessas redes de Córdoba na Argentina. Com jornalistas feministas, com jornalistas a favor do aborto, por exemplo. Se unir em redes para poder pensar nessa escuta. Mais cabeças pensam muito melhor.



Outra coisa é pensar de forma regional. Pensar de forma regional não só nos problemas, mas nas soluções dos problemas e na produção de conteúdo. Mais cabeças pensam melhor que uma. Construir essas pontes, facilitar essas redes de comunicação nos países. Que re-

sistam no Chile, Colômbia. Na Argentina estamos seguindo isso, estamos contando o que acontece, estamos nos aproximando para saber.

É preciso, como estratégia externa também, enfatizar para despolarizar. Pensar na acessibilidade das/dos outras/os/es para ir mais longe, para que escutem o que temos para dizer. Que tenhamos ou não mais *likes* na página, mas que as pessoas saibam que história temos para contar. É importante pensar, repensar de que forma vamos chegar. Porque é um bombardeio de informação. Os algoritmos estão contra, porque começam a nos fechar em círculos.

Somado a isso, temos os nossos relatos. Falamos entre nós mesmas/os. Não tem muito sentido fazer isso. O sentido é que as pessoas fiquem por dentro, saibam disso e que possam se inspirar. Não somente inspirar, mas informar. Conectar é importante para que se reflita que por trás disso há muitas pessoas envolvidas. Isso é importante para que o outro lado tenha essa empatia e comunicação. Interagir para influenciar. Buscar compartilhar e gerar uma comunidade. Gerar essa comunidade em torno da informação. Que as pessoas saibam que por trás do que nós fazemos há pessoas. Não é como uma plataforma digital ou rede social que é trabalhada por robôs. As pessoas trabalham por trás disso. É importante que o outro lado saiba que há um intercâmbio das comunidades e que nós entendamos tudo isso.

“O mundo que nós queremos é possível e há pessoas diariamente que estão fazendo acontecer. Do maior ao menor. Então, é esperançoso para o público ver essas vitórias”.

Na La Tinta, acontece muito isso. Um meio hegemônico nunca responde, nunca interfere, nunca se mete. Está lá e as pessoas comentam o que querem comentar. Em La Tinta, nós precisamos responder porque temos uma postura política sobre o que nós fazemos. Não temos essa objetividade, não jogamos com isso. Fazemos política, propomos a comunicação como uma forma de mudar o mundo. Então, comentamos, opinamos, freamos. Se tivermos que dizer isso, dizemos. Então, acredito que é importante essa dinâmica.

E por último, acredito que é muito interessante que eu possa falar de jornalismo e comunicação propositiva. Não somente nas crises, nos erros ou nos conflitos. Também mostrar as possíveis opções, mostrar o caminho. Mostrar os caminhos, as opções para a mudança que nós queremos. Pensar que conhecemos e sabemos as resistências que há nos territórios. Sabemos a forma e o mundo que queremos. Nós conhecemos as pessoas que precisam conhecer isso. Não somente as coisas ruins que estão acontecendo, as coisas que precisamos denunciar; mas também precisam conhecer o mundo que queremos diariamente. Há pessoas fazendo dessa forma, é possível fazer. O mundo que nós queremos é possível e há pessoas diariamente que estão fazendo acontecer. Do maior ao menor. Então, é esperançoso para o público ver essas vitórias.

Por quais histórias queremos ser lembradas/os/es?

Dríade Aguiar⁵



COMO VOCÊ
GOSTARIA DE SER
RECONHECIDO?
COMO VOCÊ QUER
SER LEMBRADO?

Disputa de narrativa é quando você escolhe não ser passivo em torno da história que estão contando sobre você ou sobre a sua comunidade ou sobre o seu território

Como você gostaria de ser reconhecida/o/e? Quando a gente sair dessa terra, como você gostaria de ser lembrada/o/e? Como você gostaria de ir para História? Aqui, é legal que vocês ouçam isso a partir da fala sequencial de quatro mulheres porque é justamente nós que somos invisibilizadas na construção da história desses espaços e na hora de ouvir. Mesmo que seja exatamente o oposto na prática. Fernanda, Diana e Catarina devem saber, porque quando elas vão para o território falar, são recebidas por líderes comunitárias mulheres. Geralmente, estão à frente das grandes e pequenas revoluções que acontecem no território. São mulheres. As lideranças da comunidade são essas pessoas.

Na verdade, a História brasileira e do Semiárido é feita pelas mulheres da base, as mulheres que estão construindo esse espaço no cotidiano. A História – apesar de termos sido ensinadas/os/es ao contrário – é feita de uma via de mão-dupla. É feita de fala, é feita de ouvir. Um dos lados é sempre mais ouvido que o outro, mas é feito também de querer contar a nossa história. É como a fala que diz “eu não quero que a minha história seja contada por outras pessoas, mais que isso, eu quero contar a minha própria história”. A provocação que

⁵ Dríade Aguiar é nascida em Cuiabá, Mato Grosso (Região Centro-Oeste do Brasil). Desde 2014, integra o Encontro Latino-Americano de Feminismo (ELA) pautando o afro-feminismo, os direitos LGBT e a antigordofobia. É uma das criadoras e editoras do Mídia Ninja e uma das gestoras de comunicação do Coletivo Fora do Eixo. Mídia Ninja é uma rede de comunicação livre fundada no Brasil em 2013 e vinculada ao Coletivo Fora do Eixo. Hoje, a rede engaja mais de dois milhões de apoiadores e conta com 500 pessoas diretamente envolvidas com o suporte das casas coletivas de comunicação espalhadas por todo o Brasil.

eu fico pensando é: que histórias a gente está a fim de contar e como a gente está a fim de construir elas?



**AS MULHERES ESTÃO À
FRENTE DAS PEQUENAS E
GRANDES REVOLUÇÕES!**

**LÍDERES COMUNITÁRIAS E A
MAIORIA DAS COMUNICADORAS:
AS MULHERES ESTÃO NA BASE**

Quando pesquisamos sobre Semiárido no Google e Wikipedia, as imagens que aparecem são de escassez. É importante falar disso porque são as ferramentas de pesquisa que as crianças e jovens usam hoje. Diana Segado e Catarina de Angola falaram bastante sobre contar histórias a partir da fartura, e não a partir do que falta. Isso é um mantra do midialivrismo⁶ brasileiro e do midialivrismo no geral. Se você vai se dispor a contar uma história, contar essa história a partir das coisas que ela de fato está apresentando e não só a visão do que falta, da ideia da escassez. Até porque essa é uma visão deveras capitalista. Daí vem a visão do capitalismo: “ali está faltando, então eu vou logo explorar esse lugar, eu tenho permissão de explorar esse lugar, eu tenho permissão de vender uma solução capitalista mágica para esse espaço”. É aí que surgem esses discursos bolsonaristas. Daí que vem a permissão bolsonarista para falar que a gente precisa encontrar soluções fora do Brasil, colocar o tema da seca como se fosse um tema estranho e exótico.

A coisa que eu mais percebo morando na Região Sudeste e sendo do Cerrado é como o resto do Brasil é visto como exótico. E a seca é quase um tema distante. Ou mesmo, por exemplo, a floresta amazônica, que é outro super clichê romântico brasileiro. São todas essas coisas distantes que são feitas para serem estudadas e resolvidas, não como se fossem parte da identidade brasileira. Falo isso bastante porque, quando se fala sobre Brasil, as chances de você lembrar de ritos, expressões culturais originárias que sejam todas feitas de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo [*todas na Região Sudeste*] é muito grande. Quando muito longe a gente fala de Salvador [*capital baiana, na Região Nordeste*]. Quando a gente quer falar melhor ainda, você fala da Região Sul. Fala do resquício alemão, sueco, suíço no nosso Brasil. Por isso, achei importante que se fizesse essa análise em torno de que construção estamos fazendo.

⁶ Movimento de mídia livre.

Mas a pergunta que fica então é: se aquilo não é o que a gente quer contar, se aquela história não é o que a gente quer propor; então qual história é essa? Trago como exemplo uma postagem da própria Plataforma Semiáridos, que não nega a desertificação, mas aponta alternativas. Eu ouço bastante uma crítica à essa comunicação que eu vou chamar de *comunicação otimista*. Que é o que eu acho o mais legal de fazer. A maior crítica à comunicação otimista, à comunicação que conta a sua história através de suas vitórias, à comunicação que conta a história através da vida complexa como ela é – não só das derrotas e da falta e da extinção das coisas – é que a gente está mascarando a realidade.

Não adianta nada a gente mostrar imagens bonitas com as pessoas felizes e mostrando as frutas ou a semente ou o comércio quando a realidade é essa que a gente está vendo na nossa frente. Essa é a crítica que eu ouço. Mas aqui é um ótimo exemplo de como isso é uma falsa dicotomia, um falso problema, um falso apontamento. Porque produções de conteúdo como essas da Plataforma Semiáridos estão justamente dizendo e discutindo que a questão existe, com os dados, mas problematiza de onde isso veio, o que tem a ver com a ação direta do homem, as questões políticas implicadas. É uma comunicação bem inteligente em dobrar o falso dilema de que se está escondendo a verdade das pessoas. Na verdade, estamos contando uma história que ninguém sabe.

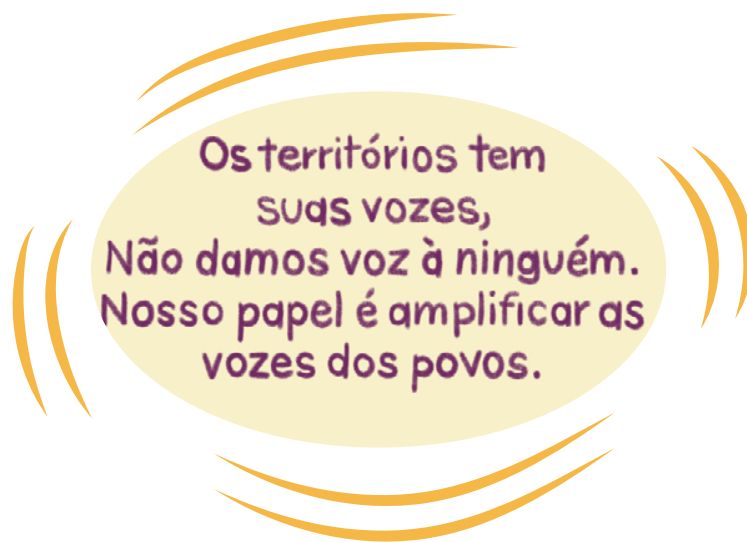
A provocação que foi feita aqui anteriormente, sobre se não houver as redes sociais, o que é feita da comunicação. É interessante essa provocação. Apesar que eu me considero uma conservadora, no sentido de que a definição de rede social, para mim, ela parte do presencial. Da fala das pessoas entre outras. E a concepção moderna de redes sociais é essa coisa digitalizada e organizada através de uma grande plataforma – Facebook, Instagram. Mas redes sociais, na verdade, é a gente em plena comunicação, conversando um/a com a/o outra/o/e. Essa comunicação vai se dar em todos esses contextos.

“Estamos contando uma história que ninguém sabe”

Mas de qualquer forma, eu queria mostrar um pouco das coisas que a gente pode construir junto. E se não for para contar aquela história sobre o Semiárido, que história a gente vai contar? Como é que a gente vai construir novas histórias e colocar novas perspectivas e novos personagens em torno dessa luta? Eu acho que a melhor forma de fazer isso é simplesmente ouvir quem está fazendo isso de fato no seu território. A Mídia Ninja toma bastante cuidado quanto a isso. Queremos ser a pessoa que está segurando o megafone para a outra pessoa falar.

Hoje, a Mídia Ninja tem sete milhões de seguidores nas suas redes sociais. A gente atinge sete milhões de pessoas diretamente e 52 milhões de pessoas semanalmente, de forma indireta. Dessa forma, o que eu me pergunto é: que história que a Mídia Ninja está contando e que outras histórias a gente pode contar? Eu transfiro essa pergunta para vocês, sobre o que vocês estão consumindo e que outras histórias vocês vão contar sobre os espaços em que vocês estão.

Porque me espanta quando se alega não saber o que é disputa de narrativa, porque a gente faz isso diariamente. Quando alguém conta uma mentira sobre você e você vai desmentir; isso é disputa de narrativa. Quando a sua mãe fala que você não está fazendo alguma coisa e você, na verdade, está fazendo de outra forma; isso é disputa de narrativa. Quando o seu companheiro, companheira, quando a/o sua/seu amiga/o/e, quando essas pessoas que estão na sua vida estão falando alguma coisa que não a sua totalidade: isso é disputa de narrativa. A gente disputa narrativas sobre nós mesmas/os/es o tempo inteiro. Até porque, em vez de você sucumbir e vestir a roupa que querem que você vista, você vai lá e coloca a que você gosta ou corta o cabelo do jeito que você quer ou pinta a unha ou deixa ele crescer ou diminuir... Tudo isso é disputa de narrativa.



Disputa de narrativa é quando você escolhe não ser passivo em torno da história que estão contando sobre você ou sobre a sua comunidade ou sobre o seu território, o lugar que você está inserido. O ser humano faz isso de forma frequente. Minha última provocação é essa. Não caiam nesse conto de que vocês não sabem o que é disputa narrativa. Todo mundo sabe. Eventualmente, cada um faz com um maior ou menor nível de conhecimento técnico, maior ou menor poder de decisão, maior ou menor compreensão do que se está fazendo. Mas a gente opta por discutir narrativa quando vocês se inscrevem para participar de uma narrativa, um espaço como esse, em vez de optar por outra atividade neste mesmo dia, por exemplo. Então, é isso. Vocês já estão disputando uma narrativa muito mais do que vocês acham que estão.

“Quando a gente sair dessa terra, por quais histórias queremos ser lembradas/os/es?”



PLATAFORMA
Semiáridos
AMÉRICA LATINA

